


## Memória e História no ensino de Inglês: *depoimentos de uma professora*

Thais Jussara de O. G. Isidro <sup>1</sup>   
Universidade Federal da Paraíba, UFPB

Charliton José dos Santos Machado <sup>2</sup>   
Universidade Federal da Paraíba, UFPB


**Resumo:** Este estudo é parte constituinte de uma dissertação de mestrado<sup>3</sup> que versa sobre as memórias da professora Nilza Fernandes de Souza expondo as dificuldades no ensino de língua estrangeira na década de 1960, tecendo um paralelo com a atualidade. Demonstra-se que o processo de aprendizagem de Inglês é um procedimento difícil e moroso no Brasil pelo fato de não haver políticas públicas de incentivo ao conhecimento de uma língua estrangeira no país. Esse descaso do poder público reflete-se com maior veemência em crianças, jovens e adultos de baixa renda pela falta de oportunidades, acentuando as desigualdades sociais. O estudo se justifica pela importância e maior exigência do conhecimento de Inglês no atual cenário mundial globalizado e também pelas dificuldades de acesso para o domínio e uso desta língua estrangeira pelos brasileiros, adversidade que se apresenta ao longo da história da educação do país sem que haja mudanças significativas neste cenário. Trata-se, na verdade, de mais um processo de exclusão social, de discriminação das classes socioeconômicas mais baixas que não tem acesso às escolas de idiomas por não poderem pagar por elas.


**Palavras-chave:** Memórias; Professora; Língua Estrangeira; Ensino de Inglês.

## *Memory and History in English Teaching: testimonials from a teacher*

**Abstract:** This study is part of a master's thesis about the memories of the teacher Nilza Fernandes de Souza exposing the difficulties in teaching foreign languages in the 1960, weaving a parallel with the present time. It shows that the process of learning English is a difficult and slow procedure in Brazil because there are no public policies to encourage the knowledge of a foreign language in the country. This neglect by the government is reflected most strongly in low-income children, youngsters, and adults due to the lack of opportunities, accentuating social inequalities. The study is justified by the importance and greater demand for knowledge of English in the current globalized world scenario and also by the difficulties of access to the domain and use of this foreign language by Brazilians, an adversity that has been presented throughout the history of education in the country without significant changes in this scenario. It is, in fact, another process of social exclusion, of discrimination against the lower socioeconomic classes that do not have access to language schools because they cannot pay for them.

**Keywords:** Memoirs; Teacher; Foreign language; Teaching English.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação - Universidade Federal da Paraíba, UFPB,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6374-431X>, e-mail: [thais\\_jussara@hotmail.com](mailto:thais_jussara@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, UFPB,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4768-8725>, e-mail: [charliltonlara97@gmail.com](mailto:charliltonlara97@gmail.com)

<sup>3</sup> Este artigo é parte integrante da minha Dissertação de Mestrado, intitulada “Nilza Fernandes de Souza: tessituras de memórias de uma educadora de Mamanguape-PB (1954-1985)”, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

## *Memoria e Historia en la enseñanza del inglés: testimonios de una docente*

**Resumen:** Este estudio forma parte de una disertación de maestría que trata de las memorias de la profesora Nilza Fernandes de Souza exponiendo las dificultades en la enseñanza de lenguas extranjeras en la década de 1960, tejiendo un paralelo con el presente. Se muestra que el proceso de aprendizaje del inglés es un procedimiento difícil y lento en Brasil debido a que no existen políticas públicas para fomentar el conocimiento de una lengua extranjera en el país. Esta negligencia por parte de los poderes públicos se refleja con mayor vehemencia en niños, jóvenes y adultos de escasos recursos por la falta de oportunidades, acentuando las desigualdades sociales. El estudio se justifica por la importancia y mayor demanda del conocimiento del inglés en el actual escenario mundial globalizado y también por las dificultades de acceso al dominio y uso de esta lengua extranjera por parte de los brasileños, adversidad que ha estado presente a lo largo de la historia de la educación en el país sin cambios significativos en este escenario. Es, de hecho, otro proceso de exclusión social, de discriminación hacia las clases socioeconómicas más bajas que no tienen acceso a las escuelas de idiomas porque no pueden pagarlas.

**Palabras-clave:** Memorias; Maestro; Lengua extranjera; Enseñando inglés.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado Nilza Fernandes de Souza: tessituras de memórias de uma educadora de Mamanguape/PB (1954–1985) e apresenta um estudo (Auto)biográfico da educadora, tendo como objeto suas memórias durante o exercício do magistério enquanto professora de Língua Inglesa do Instituto Moderno, colégio localizado em Mamanguape-PB. Buscaremos revelar por meio de suas narrativas as dificuldades no ensino da Língua Inglesa no período abarcado, além das mudanças e evolução do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

Compreende-se que, sendo o letramento um processo de avanço paulatino que emprega a linguagem utilizada no dia-a-dia pelo estudante. No que se refere a língua estrangeira, ser letrado torna-se um obstáculo a ser superado, visto que a língua a ser adquirida não é a usual e habitual no cotidiano do aprendente. Assim, ser letrado em língua estrangeira, no caso, a Língua Inglesa, significa interagir e se expressar utilizando práticas de leitura, escrita e interpretação diferentes das usuais, tendo como adversidade o enfrentamento e a superação dos desafios que circundam o processo. O professor passa a ser um importante agente deste contexto, devendo refletir sobre os elementos e necessidades da realidade de ensino-aprendizagem que vivencia. Nesse contexto, desvelamos as memórias

da atuação de Nilza Fernandes de Souza no ensino da Língua Inglesa e suas reflexões acerca dos avanços, permanências e retrocessos apresentados da década de 1960 em comparação com o período atual. Justifica-se este trabalho pela significativa relevância do ensino e da aprendizagem de Inglês na atualidade, posto que é uma língua considerada mundial e a sociedade globalizada utiliza-se comumente dela em suas diversas expressões cotidianas, principalmente no que tange às Tecnologias da Informação e Comunicação Digital, tão presentes no cotidiano de crianças, jovens e adultos de todo o mundo.

Salientamos ainda que circundam o processo de escrita deste estudo as vivências de uma educadora que é sujeito feminino da história, oportunizando, através dos questionamentos acerca de suas escolhas, experiências, saberes, alcances, limitações, enfim, pensar sobre a sua própria existencialidade.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado Nilza Fernandes de Souza: tessituras de memórias de uma educadora de Mamanguape/PB (1954–1985) e apresenta um estudo (Auto)biográfico da educadora, tendo como objeto suas memórias durante o exercício do magistério enquanto professora de Língua Inglesa do Instituto Moderno, colégio localizado em Mamanguape-PB. Buscaremos revelar por meio de suas narrativas as dificuldades no ensino da Língua Inglesa no período abarcado, além das mudanças e evolução do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

Compreende-se que, sendo o letramento um processo de avanço paulatino que emprega a linguagem utilizada no dia-a-dia pelo estudante. No que se refere a língua estrangeira, ser letrado torna-se um obstáculo a ser superado, visto que a língua a ser adquirida não é a usual e habitual no cotidiano do aprendente. Assim, ser letrado em língua estrangeira, no caso, a Língua Inglesa, significa interagir e se expressar utilizando práticas de leitura, escrita e interpretação diferentes das usuais, tendo como adversidade o enfrentamento e a superação dos desafios que circundam o processo. O professor passa a ser um importante agente deste contexto, devendo refletir sobre os elementos e necessidades da realidade de ensino-aprendizagem que vivencia. Nesse contexto, desvelamos as memórias

da atuação de Nilza Fernandes de Souza no ensino da Língua Inglesa e suas reflexões acerca dos avanços, permanências e retrocessos apresentados da década de 1960 em comparação com o período atual. Justifica-se este trabalho pela significativa relevância do ensino e da aprendizagem de Inglês na atualidade, posto que é uma língua considerada mundial e a sociedade globalizada utiliza-se comumente dela em suas diversas expressões cotidianas, principalmente no que tange às Tecnologias da Informação e Comunicação Digital, tão presentes no cotidiano de crianças, jovens e adultos de todo o mundo.

Salientamos ainda que circundam o processo de escrita deste estudo as vivências de uma educadora que é sujeito feminino da história, oportunizando, através dos questionamentos acerca de suas escolhas, experiências, saberes, alcances, limitações, enfim, pensar sobre a sua própria existencialidade.

A partir do uso da História Oral como metodologia ambicionamos, através da memória, das experiências de vida e da vivência profissional dessa educadora, enunciar algumas probabilidades de leitura acerca dos processos de formação e das práticas educativas, incluindo a voz, a formação, o trabalho docente e a trajetória do sujeito como elementos de conhecimento aptos a contribuir para a concepção histórica da profissão de educador e do fazer pedagógico.

Deprendemos que o trabalho com memórias de educadores oportuniza que se conheça e se compreenda melhor o processo educacional e social de uma época. Sob este olhar, podemos proferir que a memória recupera o que está submerso, o que não foi exposto pelos registros documentais, detalhes que ficaram ocultos, sejam do indivíduo, sejam do grupo.

Por certo, a trajetória de cada pessoa tem uma implicação histórica e social, já que ninguém vive ou se faz sozinho, isto é, a forma de ser e estar no mundo está diretamente relacionada com as condições existenciais e contextuais que marcam toda a vida de cada indivíduo. Portanto, a potencialidade das narrativas orais enquanto instrumento e procedimento de pesquisa está no fato que:

A história de vida de uma pessoa pode revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada

indivíduo na interface consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta (JOSSO, 2007, p. 436).

Nesse enfoque, a História Oral construída por meio de entrevistas/narrativas (auto)biográficas:

[...] é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de pesquisas que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como o destino que será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2005, p.155)

Desta forma, presta sua reconhecida colaboração, tanto como procedimento e metodologia de produção de dados, quanto importante recurso reflexivo, formativo e de pesquisa, subsidiando estudos que pontam para as possibilidades de desvelamento da identidade em seus mais diversos aspectos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O letramento é um processo consecutivo no qual “o indivíduo passa compreender circunstâncias diversas e interpretar os seus significados”, pautado nos conhecimentos adquiridos para “lidar com múltiplas circunstâncias de uso da língua” (ANDRADE, 2015, p. 10). É construído no cotidiano e na interação social. Todavia, mesmo pessoas letradas podem ter dificuldades em lidar com situações de linguagem e, se considerarmos que no tocante a língua estrangeira, ser letrado significa interagir e se expressar utilizando práticas de leitura, escrita e interpretação, diferentes dos habituais, as dificuldades de desenvolvimento do letramento requerem o enfrentamento e a superação dos desafios que circundam o processo. No Brasil, país de língua portuguesa onde o contato com a língua inglesa em seu cotidiano era bastante restrito antes do avanço crescente das tecnologias da informação e comunicação, ensinar e aprender o Inglês nas décadas de 60, 70 do século XX podia representar um grande desafio. Neste período, era preciso registrar e memorizar informações oferecidas pelo professor sem que, contudo, se tivesse um contato mais amplo e constante com a escrita, leitura ou a prática da oralidade da língua estrangeira. Desse modo, o professor passa a ser

um importante agente deste contexto, devendo refletir sobre os elementos e necessidades da realidade de ensino-aprendizagem que vivencia. Nesse contexto, em se tratando de sua atuação quanto ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa (LI), Nilza Fernandes destaca:

Os alunos tinham dificuldade. Pros alunos aprender Inglês eu fazia das tripas, coração. Porque, veja, naquele tempo não havia muitos materiais, nada de equipamentos. Nós fazíamos muitos cursos de reciclagem, nós íamos constantemente a João Pessoa pra os cursos que as editoras promoviam. Não era nem muito interesse do Estado, mas as editoras promoviam. E aqueles encontros eram bons. E a gente ia. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 26/07/2017).

A reflexão da professora destaca a falta de material e ferramentas pedagógicas que auxiliassem o professor no ensino-aprendizagem dos alunos nesse período. Ressaltamos que a produção de materiais com fins específicos voltados ao ensino se intensificou somente a partir do avanço comercial e tecnológico, como destacam Pessoa e Borelli (2015, p. 09): “a proposta de universalização do ensino e o avanço tecnológico permitiu a produção de material didático cada vez mais sofisticado e em grande escala”. Levando em conta que o aumento da produção e comercialização do livro didático e ou materiais pedagógicos se intensificaram a partir da década de 1970, compreendemos o interesse das editoras em promover “cursos de reciclagem”, pois os mesmos serviam para divulgar seus materiais, como acontece ainda hoje. Ainda no que se refere ao material didático, a educadora salienta que:

Tudo era difícil. Não existia Datashow, coisa nenhuma. Nem nada pra repetir, não existia. Já depois, muito depois foi que vinha os livros com os CD's. Ah!! Isso aí eu levei pra classe! Por que eu entendia que não existe você... Isso tá fora: você ensinar uma língua e o menino não se expressar nela, ou não ouvir. É complicado. Qual o objetivo de você ensinar uma língua? É fazer com que você entenda e fale. É eu me desdobrava. Mandava fazer cartazes. Ficava repetindo com eles. [...] Eu levava músicas e cantava com eles na medida do possível. Mas você movimentava a classe, movimentava a aula e fazia com que eles movimentassem mais. Não tinha nenhum material. A gente que criava. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 26/07/2017).

A partir do discurso da professora apontamos que a produção de recursos didático-pedagógicos traz para a sala de aula a possibilidade de diversificação e enriquecimento das estratégias de ensino, além da facilitação na compreensão do aluno. Porém, não podemos deixar de colocar que tais recursos não são garantia de aprendizagem, pois esta é permeada

por outros elementos complementares entre si, e o êxito das ferramentas pedagógicas depende também de sua utilização. Notamos também que, baseada nas necessidades da realidade contextual da época, a criação e confecção de material didático pelos professores era prática comum. O que se observa é que, apesar dos inúmeros entraves enfrentados, a professora busca alternativas para superar os problemas vividos no ensino da Língua Estrangeira (LE) com pequenas ações. Entendemos que o esforço da educadora visa ampliar a credibilidade de seu trabalho perante aos alunos e a comunidade escolar, desenvolvendo um ambiente propício ao ensino da LE.

No que se refere aos objetivos do ensino de Inglês, a professora demonstra ter clareza de opinião quanto a sua importância, pois para ela, ensinar uma língua é sinônimo de preparar o aluno para se expressar nela, compreendê-la e utilizá-la efetivamente. Identificamos no discurso da professora a crença a respeito da importância de o professor praticar com os alunos a pronúncia de palavras em inglês e dar ênfase na repetição das mesmas como uma das ‘ferramentas’ para “despertar nos alunos o interesse pela língua e fazer com que eles aprendam”. Além dessa, outra convicção identificada relaciona-se com o caráter lúdico que uma aula de inglês deve ter para diversificar e facilitar a aprendizagem da língua, corroborando com a afirmação de Coelho (2005, p. 105 apud Borges, 2007) quando diz que “as atividades lúdicas, como ouvir música, fazer jogos e brincadeiras e passar filmes servem como meios importantes para a aprendizagem de língua inglesa”). Sobre os recursos e o ensino-aprendizagem de língua estrangeira na atualidade, a professora avalia que:

Os recursos hoje são bons. Agora, eu me admiro também por que... O CCAA tem recursos que é um absurdo! A Cultura Inglesa também tem muitos recursos, mas não se cobra muito a performance dos alunos. Porque tem muitos alunos que vão, que passam tudo, mas não fica quase nada. Eu sei que é em toda a escola, né!? Mas lá, como é escola de idiomas, eu acho que o empenho devia ser maior. Entende? Para que houvesse um resultado naquelas aulas. Um resultado positivo. Eu acho que no nosso ensino tem isso: você se programa, bota tudo no plano, mas você não tem, assim, talvez, um objetivo: Quando eu terminar o ano esses meninos vão ser capazes de me darem isso. Quando eu terminar o ano eles vão ser capazes de fazerem isso. Eu acho que o que falta no ensino é isso, é empenho. Porque se não fica tudo perdido. Aí, todo mundo diz assim: Não, mas é porque o nível daqui não comporta, os meninos não alcançam porque eles tão assim, tão assado... Mas a gente tem que superar metade disso. Se você não pode atingir os 100% né, atinja os 50, 60, mas que você sinta que valeu alguma coisa. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 18/07/2017).

Neste ponto, a professora reflete em sua fala a convicção na ineficácia do ensino como um todo, destacando as escolas de idiomas, mesmo estas sendo instituições privadas e repletas de recursos didáticos e tecnológicos. Entendemos essa opinião como fruto de sua experiência profissional de vários anos ensinando Língua Inglesa (LI). Em sua crítica quanto à falta de resultados efetivos no ensino e na aprendizagem, a professora atribui o fato a ausência de objetivos claros e de compromisso dos educadores com o alcance das metas traçadas. Entendemos que são muitos os fatores que atuam nesta construção, dentre eles seu conhecimento de mundo, competência teórico-prática, competência profissional, crenças e experiências, além dos elementos sociais e históricos. Tanto a construção quanto a transformação dos significados e conceitos elaborados são resultado de interações sociais dialógica e historicamente situadas e atribuídas à realidade, operam como índices políticos e ideológicos. Portanto, autores como Barcelos (2011a), Gimenez (2011), Leffa (2011), Paiva (2011), Rajagopalan (2011) refletem sobre o ensino-aprendizagem de inglês no Brasil e concluem que não se trata de encontrar os culpados pela ineficácia histórica, já que esta não acontece apenas em relação à LI, mas à educação de um modo geral. Trata-se, na verdade, de mais um processo de exclusão social, de discriminação das classes socioeconômicas mais baixas que não tem acesso às escolas de idiomas por não poderem pagar por elas.

Discursos como os que atribuem ao aluno a responsabilidade da não aprendizagem por causa do seu “nível” traduzem, na verdade, o preconceito já arraigado que reforça a crença naturalizada de que a Língua Inglesa é destinada a poucos, ou seja, a elite. Haja vista todas as questões relativas à LI no atual cenário de globalização e admitindo que a língua é o veículo máximo de transmissão das ideologias, seria no mínimo ingênuo pensar o ensino-aprendizagem da LI sob uma perspectiva de neutralidade. Ainda temos que considerar a enorme quantidade de cursos livres existentes, a ideologia elitista destes como locus de aprendizagem e o mercado financeiro envolvido. Neste interim, Schmitz (2012, p. 253 apud Pereira, 2013) afirma que “não há dúvida de que o ensino de língua inglesa para as nações hegemônicas é um empreendimento multimilionário”. Cremos que a mesma lógica é válida também para o contexto brasileiro.

Dando continuidade ao diálogo acerca das práticas pedagógicas da LI, Nilza relata:



Então quando dizia assim: A Nilza? Ave, é incrível! Ela cobra demais, não sei o que. Eu era tida como uma professora austera, que cobrava, que tudo. Eu dizia assim: “Porque eu quero que vocês aprendam, e se eu fraquejar vocês não fazem, vocês não aprendem”. Eu tinha dentro de mim aquele empenho. É tanto que outros alunos que foram professores daqui eles passaram por mim. Foram bons professores. Um já morreu agora, que era meu amigo, Joca. Ele morreu num acidente incrível aqui, mas ele foi professor aqui na região, muito bem conceituado. Tinha talento, né?! Até hoje tem uma menina aí na secretaria (do IM) que diz: “Nilza até hoje eu me lembro que você mandava a gente descrever alguma coisa do livro.” E ela ainda se lembra de uma frase que dizia “*The boy sat under the tree.*”; “Tu lembra isso, Lúcia?”, “Lembro.” E tem outro também, um professor, que já passou... e a gente fazia, conseguia despertar nesses meninos o gosto. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 31/08/2017).

A partir deste depoimento a professora Nilza Fernandes relata sua preocupação com a aprendizagem dos alunos, e também com a disciplina em sala de aula, pois era tida como “austera”. A sala de aula deve ser viva e dinâmica, as informações que nela circulam não podem ser estáticas, mas interpretadas à luz de teorias que possibilitem o desenvolvimento de um olhar crítico e construtivo. O ato de transmitir o conhecimento deve ser permanentemente acompanhado da ressignificação desse conhecimento. Acreditamos que uma das dificuldades do professor de LI está em associar teoria e prática com seus alunos, tendo em vista as limitações impostas pela realidade brasileira.

Especialmente em relação ao ensino-aprendizagem de inglês no Brasil, Conceição (2006, p. 185-186 apud Pereira, 2013), afirma que “o contexto escolar brasileiro é ainda marcado por uma tradição de aprender e ensinar fortemente arraigada entre professores e alunos, baseada em métodos tradicionais e estruturais de ensino”

### 3.1 Relação Escola-Família: contextos de gerações em contraste

A educação e a profissão docente sofrem influência direta dos contextos históricos e sociais, modificando não só a legislação e o currículo, como também as relações e interações sociais que permeiam o universo escolar. Sendo assim, temos que admitir que há uma notável diferença entre a escola do passado e a atual. A primeira consistia em uma das únicas fontes de conhecimento de seus alunos e atuava sob a ação específica do professor. Mas hoje a realidade histórico-social que circunda a escola se modificou bastante, mudando também a

realidade escolar. A partir desse contexto, Nilza Fernandes discorre sobre as diferenças que observa nas relações atinentes ao contexto escolar atual:

Havia uns alunos bem complicados. Havia uns que até extrapolavam na grosseria, na falta de atenção. Havia. Toda vida houve meninos mal criados. Mas eu nunca tive problemas particulares ou pessoais com nenhum. Eu sempre me dei bem e sempre controlei bem. Também, eu vou dizer: a bem da verdade, os alunos antigamente respeitavam mais os professores. Era um ou outro que tinha essa ousadia de desafiar professor. Mudou. As mães viviam em casa tomando conta dos filhos e quando havia um problema que a gente chamava o pai, chamava a mãe, eles vinham arrasados. Eles até falavam assim 'Pode tomar conta. Faça o que for possível.' Hoje não. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 31/08/2017).

No depoimento de Nilza Fernandes ela explicita sua teoria de que as dificuldades enfrentadas atualmente com indisciplina e desinteresse dos alunos devem-se, em parte, às mudanças ocorridas no contexto familiar. A construção dessa teoria torna-se importante à medida que auxilia a compreensão acerca da educadora, da escola e da adaptação destas às mudanças sociais. Se considerarmos que antes cabia à escola apenas a instrução, e às famílias cabia à socialização e a ética de modo mais amplo, compreendemos que essa visão deriva dos paradigmas vivenciados em sua época de formação e atuação em sala de aula como professora, época em que o professor, embora ganhasse pouco, gozava de prestígio e status na sociedade, o que já não acontece mais.

A realidade atual da comunidade escolar, ou seja, das pessoas que a compõem, mudou. Assim como mudaram também as relações entre elas. Em tempos de desenvolvimento crescente e constante das tecnologias da comunicação e informação, o professor deixou de ser uma das únicas e mais importantes fontes de saber para seus alunos. Os alunos já chegam à escola “com uma visão de mundo pré-estabelecida, com opiniões e conceitos formados, com uma cultura estritamente pessoal e diversificada”. E isso não poderia ser diferente. Contudo, o que se percebe na fala da educadora é a necessidade que ela sente de que na relação família e escola, uma complete o papel da outra. Ela continua:

Eu não sei se nós estávamos errados e os pais estão certos. Eu sei que hoje os pais não apoiam que você tome alguma medida, que você queira disciplinar. Eles não querem. Qualquer coisa que você faz eles acham que você tá extrapolando, que você está passando do limite, que aquele não é o seu papel. É tanto que lavaram tanto as mãos que hoje a escola tá fazendo todo o trabalho que a família

devia ou podia fazer. Tá tudo meio atrapalhado hoje. Fica difícil. Ou o menino ganha a parada ou então ele se revolta. O que há é isso. Que você sempre vai ter que dar um ganho de causa a ele, de uma forma ou de outra. Duma forma mais convincente, ou assim, ou assado... E fica muito difícil. Quer dizer, fica muito difícil disciplinar sem impor limites. (SOUZA, N. F. de. Entrevista realizada em 30/08/2017).

Neste trecho da entrevista as constituições sociais e profissionais vêm carregadas de conceitos elaborados ao longo da docência, uma imagem bem delineada das mudanças registradas nas relações família-escola e nos modos de ensinar. A fala da professora revela sua insatisfação pela falta de apoio das famílias e a ausência de reconhecimento dos papéis sociais da escola e do professor na atualidade. Ela exterioriza que antigamente havia um maior comprometimento das famílias na educação e orientação dos filhos, com limites bem estabelecidos, enquanto hoje várias responsabilidades estão sendo transferidas para a escola devido às muitas atribuições acumuladas pelos pais. É fato que atualmente grande parte dos pais/responsáveis estão sobrecarregados com inúmeras atribuições (profissionais, pessoais, econômicas, emocionais) e muitas vezes se veem assoberbados para dedicar maior tempo e dar atenção apropriada aos seus filhos. Conseqüentemente, há um afastamento entre estes e também entre a família e a escola. Existem inúmeros estudos e pesquisas, como os de Yves de La Taille, Júlio Gropa Aquino e Içami Tiba, que envolvem as temáticas da indisciplina escolar, dos limites e da relação escola -família, entretanto, o que se averigua no cotidiano escolar é que em termos de resultados positivos para a superação destes problemas, as pesquisas não tem mostrado um resultado eficaz, até porque, as formações de professores ainda se encontram, a nosso ver, deficientes e distantes da realidade escolar.

Nesse ínterim, corroboramos com Tavares e Nogueira (2013, p. 48) ao afirmar que “família e escola participam de um processo gradativo de aproximação, motivado pela necessidade do contexto social de cada época específica”. Apreendemos ainda que a profissão docente é delineada por trajetória permeada por lutas e conflitos, aproximações e distanciamentos. (NÓVOA, 1995, p. 13-14, apud LOPES, 2014).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício da docência, Nilza Fernandes era considerada uma professora “exigente e austera”, no entanto, esta característica não interferiu no relacionamento amigável que estabelecia com os discentes, docentes e as famílias, fato facilmente verificado ao observar sua atuação no Instituto Moderno atualmente como diretora adjunta. Entretanto, mesmo com os depoimentos orais e os documentos apresentados, não temos como “conceber” o cotidiano das práticas educativas da educadora, pois estas não foram reveladas com detalhes e seria necessário muito mais material/fontes para revelar efetivamente os métodos e práticas educativas. Neste estudo, apenas foi possível verificar o contexto educacional, social e cultural em que a educadora estava inserida. sublinhamos a decisão em cursar uma graduação na capital do Estado, fato decisivo para a consolidação da profissão como professora da Língua Portuguesa e Inglesa, servindo como estímulo para cursar a especialização e o mestrado.

Enquanto educadora preocupada com a aprendizagem de seus alunos, os fios da sua memória desvelam a reinvenção de sua prática (inicialmente referenciada por seus próprios professores, em especial Dr. Miguel Levino Ramos, seu professor de inglês no ginásio), que perpassa a utilização de gravuras, fotos, painéis, desenhos, cartazes e fita cassete, deslocando-se para o uso de retroprojetores, filmes, CD’s e DVD’s (porém não tendo a oportunidade de utilizar as tecnologias digitais e midiáticas, que ainda não estavam disponíveis na época).

No contexto das indagações do início da pesquisa acerca de sua trajetória, constatamos que esta foi permeada pela busca por conhecimento e por uma formação relevante, demonstrando inquietação e constante vontade de ir além das opções que lhe eram mais fáceis, não se permitindo o comodismo profissional. Asseveramos que na definição de seu percurso profissional, as tramas sociais apresentaram oportunidades ímpares na sua vida, situações e momentos que foram decisivos para o traçado de seu percurso enquanto professora.

Nesse momento de revisão e conclusão da pesquisa, nos deparamos com a constatação que ainda há muito a ser revelado a respeito das práticas pedagógicas, da atuação e da cidadã Nilza Fernandes de Sousa, assim como de sua contribuição nos espaços em que atuou. Embora suas reminiscências confirmem uma formação tradicional que cooperou para uma atuação também tradicional em sala de aula, sua opção pela busca contínua de uma

formação de excelência balizou o enriquecimento de sua prática docente. Evidenciamos nesse estudo que Nilza Fernandes de Souza é uma educadora que se dedica há mais de quarenta anos à educação de Mamanguape, contribuindo com a formação de diversas gerações paraibanas, visto que ainda permanece atuando no Instituto Moderno. Conclui-se ainda que a aprendizagem de Língua Estrangeira, especialmente o Inglês, permanece enfrentando dificuldades de acesso e de aprendizado nas escolas regulares, avançando a passos lentos apesar da globalização e do avanço das tecnologias da informação e comunicação.

## Referências

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, 1990. Editora da Fundação Getúlio Vargas. In: Alberti, Verena. **O que documenta a fonte oral?**

**Possibilidades para além da construção do passado.** Disponível em:

[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/869.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf) Acesso em: 02/09/2017.

ANDRADE, Willame Silva de. **O ensino de língua portuguesa:** [manuscrito] : discussões e perspectivas. Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11435/1/PDF%20%20Willame%20Silva%20de%20Andrade.pdf> Acesso em: 21/02/2018.

ISIDRO, Thais Jussara de Oliveira Guedes. **Nilza Fernandes de Souza:** tessituras de memórias de uma educadora de Mamanguape-PB (1954-1985). Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa/PB, 2018, 185fl.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

NÓVOA, António. (Org.). **Profissão professor.** Porto: Porto, 1995. p. 13-34. In: LOPES, Claudivan Sanches. Formação e profissionalização da docência. Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia Florianópolis, v. 1, n. 2, out. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br> Acesso em: 22/05/2016.


SOUZA, Nilza Fernandes de. **Entrevista.** Mamanguape, 31 outubro 2017.

---

**Recebido em:** 16 de outubro de 2022

Cadernos GPOSSHE On-line, Fortaleza, v. 6, n. 2, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE>

 DOI: [doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v6i2](https://doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v6i2)

ISSN: 2595-7880 e-ISSN: 2595-7880

e-mail: [contato@gposshhe.com](mailto:contato@gposshhe.com)

Licença: Creative Commons – Atribuição não comercial 4.0 internacional



*Aceito em: 17 de outubro de 2022*

*Publicado online em: 17 de outubro de 2022*